

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA ANÁLISE SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSORES

Nandra Martins Soares ¹

Geovane dos Santos da Rocha ²

Elisabeth Rossetto ³

Eixo temático: Trabalho docente e formação de professores

A sociedade contemporânea, marcada por um contexto em que se privilegia a busca por explicações naturalistas para os problemas sociais, compõe o foco deste estudo. Vivemos em uma época em que sintomas psicológicos são vistos como problemas individuais, diagnosticados como transtornos psiquiátricos e, em seguida, tratados pela via medicamentosa. Essa abordagem reforça a dependência da indústria farmacêutica, que vende a promessa de bem-estar e normalidade total – um ideal que, sob a ótica neoliberal, se torna cada vez mais inalcançável e distante da realidade vivida. Nesse contexto, professores têm sentido os efeitos das transformações na sociedade e na própria universidade, o que impacta significativamente sua forma de trabalho.

Segundo Fontana e Pinheiro (2010), os professores, incluindo os universitários, enfrentam cotidianamente um aumento das demandas socioeconômicas, do volume de trabalho e da pressão por produtividade acadêmica, o que acaba reduzindo o tempo disponível para lazer, convivência familiar e social. Além disso, esses profissionais lidam com perdas salariais, desvalorização da carreira, falta de mobilização coletiva e reformas educacionais que parecem

¹ Doutoranda em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, nandrasoares@yahoo.com.br;

² Doutorando em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, geovanesdarocho@outlook.com;

³ Professora orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, erossetto2013@gmail.com.

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

desumanizar o indivíduo. Essas condições, somadas às experiências pessoais de cada professor, são fatores significativos que contribuem para o sofrimento mental e físico.

Estudos destacam que o adoecimento psíquico entre professores é uma questão de saúde pública, dado os elevados índices de docentes acometidos por transtornos mentais e comportamentais, que são apontados como os principais problemas de saúde entre essa categoria (Araújo; Carvalho, 2009). Esses transtornos figuram entre as principais causas de afastamento do trabalho, sendo a terceira maior categoria de concessão de auxílio-doença por incapacidade laboral no Brasil (Silva-Junior; Fischer, 2014). A Síndrome de Burnout e os Transtornos Mentais Comuns são especialmente prevalentes entre os docentes, destacando-se pela alta frequência com que ocorrem (Araújo; Carvalho, 2009; Forattini; Lucena, 2015; Garcia; Benevides-Pereira, 2003).

Com base no exposto, o objetivo deste estudo é investigar a relação entre as condições de trabalho e a saúde mental dos docentes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), buscando compreender os fatores de risco para o adoecimento nesse contexto profissional.

Este estudo caracteriza-se como exploratório e descritivo, adotando uma abordagem quantitativa com procedimentos de pesquisa de campo. O referencial teórico adotado é o da Psicologia Histórico-Cultural, que se baseia na premissa de que todos os aspectos essenciais do ser humano são fruto direto da cultura e das interações sociais. Nessa perspectiva, a subjetividade não é vista como algo fixo e imutável, mas como um processo dinâmico, em contínua construção e transformação.

Este estudo foi conduzido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), que atualmente conta com 1.288 docentes, entre efetivos e temporários. A amostra envolveu 201 docentes, que participaram voluntariamente respondendo ao Inventário sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA), desenvolvido por Mendes (2007). Cabe destacar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Seres Humanos da universidade, e todos os participantes concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Na amostra da pesquisa, 59,7% dos participantes são do sexo feminino, com uma média de idade de 46,5 anos, enquanto 40,3% são do sexo masculino, com uma média de idade de 49 anos. Em relação ao regime de trabalho na universidade, 17,4% dos docentes são temporários e 82,6% são efetivos. O tempo de serviço dos professores foi distribuído da seguinte forma: 10% possuem até um ano de experiência, 9% têm entre 1 e 5 anos, 18% entre 5 e 10 anos, 19% entre 10 e 15 anos, 14% entre 15 e 20 anos, 21% entre 20 e 25 anos, e 9% possuem mais de 25 anos de serviço. Percebe-se que a maioria dos docentes está há muito tempo na universidade, pois 21% dos participantes concentram-se entre 20 e 25 anos.

O ITRA avalia diversas dimensões da inter-relação entre trabalho e processo de subjetivação. Seu objetivo é investigar o impacto do trabalho e os riscos de adoecimento associados, abordando aspectos como a representação do contexto de trabalho, exigências (físicas, cognitivas e afetivas), vivências e danos (Mendes, 2007). O instrumento classifica os riscos de adoecimento em quatro categorias: “satisfatório”, “crítico”, “grave” e “presença de doenças ocupacionais”. A Tabela 1 apresenta os fatores que indicaram risco.

Tabela 1 - Fatores de riscos “crítico” e “grave” para o adoecimento no trabalho

Fatores de Risco	Média	Desv.P.	Classificação
Organização do Trabalho	3,19	0,34	CRÍTICO
Condições de Trabalho	2,76	0,28	CRÍTICO
Relações Sócio Profissionais	2,66	0,33	CRÍTICO
Custo Afetivo	2,39	0,63	CRÍTICO
Esgotamento Profissional	3,13	0,61	CRÍTICO
Danos Físicos	2,04	0,96	CRÍTICO
Custo Cognitivo	3,72	0,69	GRAVE

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Observa-se que os desvios padrões em todos os resultados foram relativamente baixos, indicando uma homogeneidade entre os participantes da amostra. No entanto, os fatores *Organização do Trabalho*, *Condições de Trabalho*, *Relações Sócio Profissionais*, *Custo Afetivo*, *Esgotamento Profissional* e *Danos Físicos* o que os classificou como críticos. Isso

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

indica que esses aspectos estão afetando negativamente a saúde dos docentes. O fator *Dano Cognitivo* destaca-se com classificação “grave”, evidenciando um impacto ainda mais significativo do trabalho sobre a saúde mental dos professores.

No fator *Organização do Trabalho e Condições de Trabalho* os docentes relataram que o ambiente de trabalho apresenta condições precárias, com problemas de infraestrutura, materiais e instrumentos insuficientes. Além disso, enfrentam um ritmo de trabalho excessivo, pressão por prazos e cobrança por resultados, o que resulta em falta de tempo para pausas e descanso. De acordo com Leite (2017), as novas formas de trabalho docente, que seguem um modelo gerencial e produtivista orientado por metas, podem causar graves danos à saúde mental, desde o uso de ansiolíticos até o suicídio. Essas condições afetam não apenas o trabalho, mas também a vida pessoal dos docentes, com queixas recorrentes sobre a falta de descanso em finais de semana, feriados e férias, além do afastamento da família e dos amigos.

Vasconcelos e Lima (2021) destacam que o desgaste causado pela vida laboral tem um impacto significativo na vida dos docentes, embora essa relação nem sempre seja imediata ou visível. Muitos professores relatam sofrer de depressão, ansiedade, transtorno do pânico, labirintite, doenças cardiovasculares, obesidade e cansaço emocional/exaustão em decorrência das condições de trabalho enfrentadas.

Os atributos relacionados à organização do trabalho docente estão associados a questões psíquicas, uma vez que a forma como o trabalho é conduzido, em condições precarizadas e mercadológicas, transforma o docente em um sujeito alienado de sua própria condição social enquanto ser humano. Segundo Leontiev (2004), o trabalho é a ação através da qual o ser humano desenvolve suas habilidades, conhecimentos e potenciais, sendo um elemento central para o desenvolvimento humano e a expansão das capacidades individuais. Quando surgem obstáculos nessa atividade, diversas consequências podem ser observadas, incluindo o adoecimento psíquico.

Quanto ao fator *Relações Sócio Profissionais*, os docentes relatam uma carência de interação entre colegas, a presença de disputas profissionais, pouca autonomia e um ambiente marcado por individualização e competitividade. Esses aspectos impactam negativamente as

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

relações sociais dentro do ambiente de trabalho. Nascimento e Daibem (2020) observam que as relações entre os docentes estão se tornando cada vez mais dominadas pela individualidade e pelo desrespeito à pluralidade dos colegas, o que aumenta a ocorrência de conflitos e afeta negativamente o bem-estar e a saúde dos professores.

Essa configuração das relações laborais está fundamentada na lógica neoliberal do mercado, que promove uma mudança na percepção de pertencimento e engajamento cívico, substituindo-os por uma mentalidade competitiva e voltada para o sucesso individual. Essa transformação na dinâmica social e política tem gerado impactos significativos, pois a sociedade contemporânea prioriza os interesses privados em detrimento do bem-estar coletivo. Como resultado, há um aumento na desigualdade, exclusão e fragmentação social.

Com relação aos fatores *Custo Afetivo* e *Esgotamento Profissional*, o primeiro aborda o impacto emocional do trabalho, incluindo reações afetivas, sentimentos e estados de humor que o trabalho pode provocar. O segundo fator refere-se ao estresse, insatisfação, sobrecarga, frustração, insegurança e medo (Mendes, 2007). Todos esses elementos foram classificados como “críticos” pelos docentes, indicando um impacto significativo na sua saúde e bem-estar.

Campos, Vêras e Araújo (2020) destacam que esses fatores desempenham um papel crucial no adoecimento psíquico no ambiente de trabalho. Características laborais como sobrecarga de trabalho, pressão por publicações, desgaste nas relações com os alunos, falta de proteção dentro do campus, insatisfação com a instituição e desejo de abandoná-la foram identificadas como altamente prevalentes entre os transtornos mentais mais comumente visualizados na classe docente.

Isso corrobora com a afirmação de Ferreira e Pezuk (2021), que identificam diversos elementos como desencadeadores de estresse e possíveis indicativos iniciais da Síndrome de Burnout. Entre esses elementos estão: ambientes de trabalho com alta pressão, cultura e política organizacional desfavoráveis, baixa remuneração, incertezas quanto ao crescimento profissional, carga horária excessiva e falta de engajamento dos estudantes. Esses fatores, que precedem o Burnout, impactam diretamente a prática docente, afetando negativamente tanto aspectos pessoais quanto contextuais. Frequentemente, são relatados casos de agravamento de



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

quadros de depressão e transtornos de ansiedade como resultado das situações estressantes enfrentadas no ambiente profissional.

No contexto em questão, a humanização do indivíduo se manifesta através das interações sociais e da sua atividade central no trabalho. Quando essa conexão é marcada pela alienação ou precarização, as oportunidades para o pleno desenvolvimento da personalidade humana são seriamente comprometidas. Isso resulta em um aumento notável nos índices de psicopatologias (Silva e Tuleski, 2015). Em situações de alienação, o trabalho deixa de ser a atividade essencial para o desenvolvimento humano e passa a se tornar algo estranho, desvinculado do ser, de suas intenções e características.

Vigotski (2021) argumenta que tudo que é humano, ou que se refere ao ser humano, está intrinsecamente ligado aos fenômenos da realidade sociocultural do indivíduo. Isso se deve ao fato de que a formação da personalidade humana – incluindo seus aspectos psicopatológicos – é moldada pelas condições históricas, sociais e culturais do ambiente em que o sujeito está inserido. Assim, dado que a constituição e a humanização do ser humano dependem das relações sociais e da atividade essencial do trabalho, quanto mais esses fatores forem limitados, maior será a precarização da vida.

Os dois últimos fatores abordam os *Danos Físicos* e o *Custo Cognitivo* causados pelo trabalho. No aspecto físico, incluem-se dores no corpo, principalmente nos braços, costas, cabeça, pernas e alterações no sono. No âmbito cognitivo, o desgaste intelectual que permeia o cotidiano dos professores também é significativo. Condições como a necessidade de usar a memória, realizar esforço mental, aplicar criatividade e utilizar a visão de forma contínua foram identificadas como gravemente prejudicadas pelos docentes.

O impacto negativo das tarefas laborais na saúde mental é amplamente reconhecido como uma causa significativa de problemas psicológicos em diversos segmentos da sociedade. Yaegashi, Benevides-Pereira e Alves (2013) apontam que a própria tarefa de ensinar pode ser uma fonte considerável de estresse, com possíveis repercussões para a saúde física e mental dos professores. Essas consequências manifestam-se em diferentes níveis: individualmente, através de sintomas pessoais; profissionalmente, com a diminuição do desempenho e o cinismo; e



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

organizacionalmente, com conflitos entre colegas, alta rotatividade de funcionários e absenteísmo, entre outros problemas.

A relação entre problemas de saúde e a atividade profissional é frequentemente observada entre professores do ensino superior. Entre os principais sinais estão o aumento nas taxas de afastamento do trabalho e a pressão decorrente da estrutura burocrática, das metas rígidas de produtividade e do ambiente competitivo. Esses fatores são destacados pelos docentes. Outra questão levantada é o tempo necessário para realizar o trabalho intelectual, incluindo estudos e pesquisas. Embora esse compromisso com a atualização constante não seja formalmente reconhecido na carga horária de trabalho, ele exige uma quantidade significativa de tempo e esforço cognitivo, à custa de atividades como convívio familiar e lazer, resultando em um cansaço mental extremo.

Na perspectiva vigotskiana, o progresso do adoecimento psíquico é visto através da relação entre o sujeito e seu meio sociocultural. Vigotski (2018) alerta que o ambiente não deve ser considerado simplesmente como um contexto de desenvolvimento que define os indivíduos de forma objetiva. Pelo contrário, para a Psicologia Histórico-Cultural, o papel do contexto sociocultural só se torna claro quando é analisado em sua relação com o ser humano. Mesmo que o ambiente permaneça inalterado ao longo da vida, seu significado e função podem mudar conforme o desenvolvimento atual do sujeito.

Nesse contexto, observa-se que a universidade está cada vez mais operando sob uma lógica gerencialista, massificadora e focada na produtividade. Isso faz com que o trabalho perca seu significado, tornando-se uma série de atividades despersonalizadas e vazias, reduzidas a mera mercadoria. Forattini e Lucena (2015) apontam que os professores, alienados em sua própria realidade laboral, atuam em ambientes acadêmicos que fomentam relações de rivalidade e competição entre eles, resultando em uma desconexão das relações sociais. Esse afastamento leva os docentes a internalizar o sofrimento como algo inerente à sua condição individual, desconsiderando as raízes sociais desse problema.

Com base nos resultados, conclui-se que o sofrimento mental dos docentes está fortemente associado ao atual cenário sociológico, onde o trabalho contribui para o



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

adocimento psíquico. Esse quadro é impulsionado pela lógica neoliberal em uma universidade mercantilizada, que atribui responsabilidade individual a problemas que são, na verdade, socialmente produzidos. O trabalho docente enfrenta um momento de precarização, desumanização e perda de significado, resultando na despersonalização do indivíduo. As exigências de produtividade e seus efeitos lembram o modelo toyotista de produção, caracterizando uma “precariedade subjetiva” em que os docentes sentem que o trabalho realizado nunca é suficiente frente às exigências impostas (Silva; Oliveira; Carvalho, 2020).

Destaca-se a necessidade urgente de implementar políticas de promoção e prevenção da saúde mental no ensino superior. Os elementos discutidos revelam uma realidade que não é intrinsecamente natural, mas que foi criada e, portanto, pode ser desconstruída, reconstruída e aprimorada. A mudança dessas condições é fundamental para promover condições de trabalho mais saudáveis para a classe docente.

Palavras-chave: Adoecimento Psíquico. Trabalho Docente. Psicologia Histórico-Cultural.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. **Educação e Sociedade**, v. 30, n. 107, p. 427-449, 2009.

CAMPOS, T. C.; VÉRAS, R. M.; ARAÚJO, T. M. Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 25, n. 3, 745-768, 2020.

FERREIRA, E. C.; PEZUK, J. A. Síndrome de Burnout: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 26, n. 2, 483-502, 2021.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTANA, R.T.; PINHEIRO, D. A. Condições de saúde autorreferidas de professores de uma universidade regional. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 31, n. 2, 270-276, 2010.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

FORATTINI, C. D.; LUCENA, C. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. **Laplage em Revista**, v. 1, n. 2, 2015.

GARCIA, L. P.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. Investigando o *burnout* em professores universitários. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, v. 1, 76-89, 2003.

LEITE, J. L. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. **Revista Katálysis**, v. 20, n. 2, 207-215, 2017.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do Trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SILVA, A. A.; OLIVEIRA, V. M.; CARVALHO, E. A. R. Psiquiatralização da educação superior: regular as emoções para que atendam às exigências da produtividade acadêmica. **Brazilian Journal Of Development**, v. 6, n. 12, 104307-104321, 2020.

SILVA- JUNIOR, J. S.; FISCHER, F. M. Adoecimento mental incapacitante: benefícios previdenciários no Brasil entre 2008-2011. **Rev. Saúde Pública**. v. 48, n. 1, 2014.

SILVA, M. A. S.; TULESKI, S. C. Patopsicologia Experimental: Abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. **Estudos de Psicologia**, v. 20, n. 4, 207-216, 2015.

VASCONCELOS, I.; LIMA, R. L. Trabalho e saúde-adoecimento de docentes em universidades públicas. **Revista Katálysis**, v. 24, n. 2, 364-374, 2021.

VIGOTSKI, L. S.. **7 aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Organização, edição, tradução e revisão técnica de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, educação e desenvolvimento**. Organização, edição, tradução e revisão técnica de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Expressão Popular: São Paulo, 2021.

YAEGASHI, S. F. R.; BENEVIDES-PEREIRA, A. T.; ALVES, I. C. B. Docência e burnout: um estudo com professores do Ensino Fundamental. *In*: Yaegashi, S. F. R.; Benevides-Pereira, A. M. T. **Psicologia e educação**: conexão entre saberes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, p. 189-210.

